

URBANO LOUREIRO

# QUESTÃO DE PALHEIRO

COIMBRÕES E LISBOETAS

Estavas, linda Ignez, posta em socego...

VERSO.

PORTO:

NA TYP. DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,

4, Rua de Santa Thereza, 6.

1866.

Dai passagem, romanos, ao proscripto,  
Que vem vêr se na praça há peixe frito!  
FABIA.

## I.



Aí p'ra as bandas de baixo  
que barulho, que rumor!  
É o vinho do Cartaxo,  
ou é do Aleixo o licor?  
A questão anda ateadada,  
por um tris não há pancada,  
e nem um cabo sequer!  
Nem cabos, nem regedor,  
nem alma viva na rua,  
nem um cão ladrando à lua,  
p'ra despertar a patrulha,  
que ressona agasalhada  
nos capotes d'oleado,  
às soleiras encostada  
sem se importar com a bulha,  
que me vai na vizinhança.  
Estaremos na Bairrada?!

Que agentes de segurança!...  
Mas fala-se em lit'ratura;  
lit'ratura de espartilho

e lit'ratura nevoenta...?

Adivinhei a final!

Não é por vinho o barulho,  
vem a ser outro o sarilho:  
é a gente do Quental  
com a gente do Castilho!

Ora o leitor quer saber  
donde é que nasce a questão?  
Vou falar-lhe sem paixão;  
atenda e confie em mim,  
que não sou parte suspeita;  
a história, co'a maleita,  
lá vai tim-tim por tim-tim.

## II.



Uma pergunta em segredo  
a respeito do Castilho.  
— Sabem quem é o sujeito? —  
Um velhote de respeito,

sempre co'a mão no gatilho  
dalgum doirado epigrama;  
que a pedido faz prefácios,  
onde há perolas e lama;  
que não encontra poetas  
como os Virgílios e Horários;  
que foi o autor infeliz  
do a-b-c repentino,  
e da Lilia abandonada,  
que p'lo ciúme ralada  
se trespassou c'um pepino.

Já o conhecem? — Pois bem!  
Um dia 'stava o bom velho  
c'uma das mãos num joelho,  
num joelho ou num artelho,  
(isto diz-se; não n'o juro)  
meditando no futuro,  
talvez prevendo da Espanha  
o rebentar da castanha;  
e batem de rijo à porta.  
— Quem é? — a criada indaga.  
— Manoel Pinheiro Chaga. —

— Manda subir a visita. —  
E de si p'ra si:—Que praga! —  
E quando ele entra na sala:  
— Ó meu amigo, que dita!  
Como se lembrou de mim  
no meio dos seus triunfos  
o Méry do folhetim? —  
— É lisonja; agradecido;  
acabei o meu poema... —  
— E vem a mostrar-mo, sim?  
Então, amigo, não trema;

o tremer é de criança;  
em mim não põe confiança?  
Parece pouco animoso!... —

— Bagatela! isto é nervoso!  
Padeço muito dos nervos! —  
— Eia, sus, ó meu irmão,  
eia, vate sonoro!  
a ti a minha atenção! —

E o poeta recitou-lhe  
dum só fol'go a *Invocação*:  
e logo após o poema,  
que na filha duma *beef*  
(p'lo modo séria menina,  
que o Chaga batizou Emma)  
fui descobrir a heroína.  
E por fim o poemeto,  
em que o herói papa-fina,  
p'ra não dizer papa-moscas,  
à chuva, mui sossegado,  
medita no seu passado.

E vai e disse o Castilho  
quando o Chaga terminou:  
— Muito bem! dê-me um abraço,  
aperte-me este espinhaço!  
O senhor não leu, cantou!  
Mil parabéns! —  
— Agradeço,  
são favor's que não mereço. —

O velho deu quatro passos,  
e para encobrir o riso:  
— Ouça cá, tive uma ideia;

se eu lhe escrevesse um «juízo»,  
p'ra o livro fazer mais bulha,  
urdido à moda de teia,  
e nela entalado um grulha,  
que espirrasse co'a pitada?  
— Vossa excelência penhora-me  
— Aceita? —

—Muito obrigada;  
isso mesmo era o que eu qu'ria  
p'ra os volumes não ficarem  
nos lotos da livraria... —

— Então, 'stá dito? —

— 'Stá dito! —

Retiro-me. —

— Adeus, amigo;  
p'ra tudo conte comigo. —

E o vate desceu a escada  
trauteando o pirolito.

### III.



Leram do livro o final?  
Toparam com a pitada  
ao Antero do Quental?

Pois o Antero deu patada!  
Viu em tudo aquilo fel,  
e sem qu'rer foi à parede!  
Botou o Castilho a rede  
e pescou... um bacharel!

Veio o *bom-senso* e o *bom-gosto*  
provar que estava no posto  
o ratão, que se incumbira  
de chamar os compradores  
p'ra o livro que não saíra  
dos armários do livreiro  
sem do Antero os maus humores.

Levou p'ra baixo o Castilho;  
aquilo é que foi malhar!  
e malhar em ferro frio,  
segundo se ousa afirmar,  
que o velhote, esse, nem pio!

Não se pôde em si conter  
aquele pobre Quental!  
Foi uma tunda de mestre  
no mestre, mas a valer!  
Não lhe queiramos nós mal.

E o Castilho, sempre moita,  
ri daquele que o espanca;  
não tinha mais que fazer  
do que ao Quental responder!  
E o Quental por cima tranca!

#### IV.



Tinha esquecido dizer  
que o Quental é coimbrão,  
e não gosta do Castilho  
com razão ou sem razão;  
disso não quero saber.

E de Coimbra e Lisboa  
os literatos de proa  
saltaram logo p'ra o campo  
a discutir a questão,  
pregando fachada à toa,  
a maior parte no chão,  
e creio que toda em vão.

Cada qual quis ser juiz  
no barulho, em que o bom-senso  
apar'ceu, segundo penso,  
esmorrado do nariz.

E veio à arena o Roussado  
com chalaças a granel  
(que em chalaça é jubilado)  
a entampar o bacharel,  
que havia ao mestre bufado.  
Sinto que fosse infeliz

n'autópsia que fez às Odes;  
mas como não é culpado  
conte que está perdoado.

O volume do Quental  
não deve ser mau petisco  
no sexto céu do ideal.  
Comparo-o (mas ao poeta)  
a qualquer pardal ou pisco,  
e sobre tudo ao pardal,  
que pretendesse imitar...  
que sei? a águia real,  
quando fende altiva o ar  
para as campinas do céu  
do mais puro azul sem véu;  
na frase dos Victor Hugos,  
a quem tiro o meu chapéu.

Ao ilustrado Quental  
peço muita paciência  
a par de alguma indulgência.  
Desculpe sua excelência;  
o que eu digo nada val.

Siga a bicha em continência!

V.



Havia há pouco apa'rcido  
o reportório em questão,  
do senhor Manoel Roussado  
(aqui tão mal sucedido)  
quando veio um coimbrão  
chamado, se não me engano,  
fulano de tal Elmano,  
a responder ao Antero,  
(pondo à parte o trocadilho)  
com ar ginja e pedantesco,  
e qu'rendo dar ao Castilho  
alguns salutar's conselhos.

O conselheiro burlesco!!...

Fez *fiasco* o tal ratão;  
mesmo na própria Coimbra  
lhe chamaram papelão.

Diz-se aquilo ir buscar lã  
para surdir tosquiado!

Parva escola coimbrã!

P'lo morto... três padre-nossos  
ao deitar, depois de ceia.

Madrasta escola, de Elmano  
nem sequer terás os ossos!!  
— *Non habebis ossa mea!*.... —

## VI.



Façamos a vista grossa,  
p'ra não ter de esmiuçar  
o que disse a grande troça  
de escritor's folhetinistas,  
que no assumpto quis falar.  
(É mais próprio «debicar».)

Para o lado o Carvalhal,  
que afirmou que o suicídio  
não era ideia imoral;

e defendeu o Quental  
com gracinhas de funil,  
jogadas do Chaga ao livro  
no «Diário Mercantil».  
Para o lado o próprio Chaga  
com todo o seu folhetim;  
vamos direitos ao Braga  
a pedir-lhe as Teocracias.  
Muito bem! agora sim!  
Que citações e que nomes!  
Que fundas filosofias!  
O Braga, palavra de honra,  
vale doze livrarias!!....

Até falou em javardo!!!....

Eu prefiro um homem destes  
a qualquer frade bernardo.  
Pois estouro no Castilho?  
contam-se as bombas p'las frases!  
Ai, velhote, nunca tu  
te meteras com rapazes!  
Essa gente — isto é um facto! —  
que não respeita o rabicho  
faz de ti gato-sapato;  
o melhor é desprezá-la,  
como quem despreza o lixo;  
desprezá-la... por capricho!

Ao Braga, seguiu-se... quem?  
Ah! o Júlio de Castilho,  
que, no meu pensar, é filho  
do velhote espadachim;  
pois trouxe à barra um folheto  
sem vir tarjado de preto!!!....

As três páginas do fim  
do bade-meco aludido  
são talvez as de mais graça!  
Eu ri-me como um perdido...  
Não que está boa a chalaça!  
mesmo boa de uma vez!

Põe o sê Júlio em praça,  
em português e francês,  
os nomes, que têm rendido  
da nossa lira ao princês  
homenagens de partido.

Ele sempre há cada maça!!...

Lugar a mais um p'ra a sucia,  
que chegou; é lisboeta.  
P'lo nome talvez conheçam  
Amaro Mendes Gaveta,  
respeitável escritor.  
Ele é muito conhecido;  
traz algodão num ouvido,  
e tem o pai ferrador.

Eis o caso!

O tal sujeito  
com bazófias de pimpão,  
a tratar bestas afeito,  
aos da questão serviu palha,  
tojo e palha, e com razão.  
— Desconfio que o Gaveta  
se propõe a deputado  
nesta próxima eleição;  
eu sei as suas ideias  
a respeito da fusão. —

Mas voltando à vaca fria,  
do tal Amaro direi,  
que, à parte a sensaboria,  
tem chiste n'alguns bocados.  
É pena que entre bons versos  
viessem alguns errados.

Isso porém acontece.  
Quem há 'i que um trambolhão  
numa descida não desse?

— Estava já p'ra fechar. —  
Não fecharei sem primeiro  
de um tal Carrero falar;  
de um Carrero ou de um Carreiro;  
tanto não posso afirmar.

Eu cá, dos dois apelidos,  
votava p'lo derradeiro.

*C'est assez de divagar.*

O Carrero (seja assim)  
deixou-me quase entalado;  
p'ra dizer o que nos disse  
antes ficasse calado:  
ou fizesse à brisa, à lua,  
versinhos de pé quebrado,  
como fez outrora Ulisses,  
que no mar das trapizongas,  
entre outras muitas ratices,  
caminhou ardendo em brasa,  
por cima das turvas ondas,  
como nós por nossa casa.

Deu-se isto quando vivia  
no cimo da cotovia.

Se acaso me dão licença,  
entro na ordem do dia.

## VII.



Quem falta mais? — Falto eu,  
que na renhida questão  
não sei quem tenha razão.

P'ra que saibam: — Sou poeta,  
e se vim com isto à feira  
no reinado da careta,  
e da polícia secreta,  
foi que faltar não podia  
sem mentir à vocação.

Mas quem se ri disto tudo  
é o Chaga e o Castilho.  
Nenhum deles anda mal.

Esta questão do Quental  
parece questão de entrudo.

Eu, por mim, também me rio,  
que da história vejo o atilho.

E tu, leitor, não te ris?  
Ri-te de mim, se quiseres;  
aqui 'stou, aqui me tens.  
Em vez de fazer colheres,  
coisa muito aconselhada,  
fiz o folheto que vês.

— Não me dês os parabéns  
por esta grande estopada;  
dá-me só... cinco vinténs...

Entrudo, no meu faval,  
tantos de tal.

Da meia noite ao bater  
no relógio do vizinho,  
procurando adormecer  
da cama no pátrio ninho.

Preço, o da taxa — 100 réis.